Estimado Artur,

Como foi gratificante ver o Artur e o Mário juntos de novo, lado a lado, tanto na conversa como pessoalmente, para não falar nas paredes, nem na companhia do Fernando José Francisco. Fiquei deveras emocionado, para mais sabendo da sua "distância" com o nosso querido Mário. Quero que saiba que no dia da exposição estive com o Mário em sua casa nas horas imediatamente antecedentes à inauguração da exposição. Estive ao seu lado esperando que alguém o levasse do seu altíssimo segundo andar da Basílio Telles. Fiquei algo decepcionado com a atitude e falta de consideração do Senhor galerista Carlos Cabral para com o Mário, que em minha opinião e perdoe-me o desabafo, não passa de um galerista burguês embora com ar intelectualmente falido pois da sua carteira não faço a menor ideia (nem quero). Sabe o Artur que o Mário estava irrequietíssimo com a falta de preocupação que o senhor galerista burguês manifestou com o seu transporte até à galeria de Alfama. Nem ambulância, nem bombeiros para o levar e trazer. Mário pediu-me que o levasse à exposição pois por nada não pretendia ele perder a oportunidade de estar consigo. Foi então essa a minha missão de o levar e trazer escada acima e abaixo, juntamente com aquele amigo jovem de Coimbra que já conhece, o André Escarameia, e recente "aquisição" como elemento útil à revista Debout sur L'Oeuf. Como eu já o transmiti acima, eu fiquei muito feliz pela ocasião, contudo verifiquei que o Artur estava algo distante para comigo. Espero que eu nada tenho feito que o incomodasse, e caso assim seja devo-lhe desde já um pedido de desculpas. Mas nada posso exigir pois estavam presentes dezenas de personalidades que abafavam a minha presença e humildade. Também não vi por lá o Carlitos mas espero que não tenha sido por razões de saúde que ele não pode aparecer. Tive finalemente a oportunidade de conversar com o Eurico Gonçalves, que se mostrou receptivo às minhas ideias e projectos. Finalmente, ao fim de diversas cartas e tentativas de contactos sem respostas.

A exposição do Juan Carlos Valera terminou a semana passada e estou agora a desmontar a exposição. O Pedrito e o Manolo pediram-me que fizesse chegar ao Artur um dos objectos de homenagem ao Mário Henrique Leiria que constavam na exposição. Assim o farei quando for novamente a Lisboa, o que provávelmente acontecerá este fim-de-semana próximo. Eu telefonar-lhe-ei se assim se proporcionar, para saber da sua disponibilidade e dispoição para me receber. Conto ir a Cuenca no dia 18 de Novembro. Caso o Artur pretenda que eu leve algo, disponha da minha pronta disposição para o efeito.

Aqui lhe envio duas cópias do manifesto que agora pretendo reeditar e actualizar com a subscrição de mais surrealistas para além daqueles que constam no manifesto original, (João Artur Silva, Mário Henrique Leiria e Artur Cruzeiro Seixas). Poderá adiantar-me alguma informação acerca do João Artur Silva, de quem nada sei? Perdoe-me a minha ignorância. Já tenho a assinatura em papel do Mário Cesariny. O Eurico disse-me oralmente que também o era capaz de subscrever. Veremos.

UNIVERSIDADE DE ÉVORA
Arquivo ICS 01.84.05

Peço-lhe que o assine a caneta e me o devolva por favor. O outro exemplar é uma cópia para si. Espero reunir a assinatura de: António Barahona, Isabel Meyrelles, Raul Perez, Eurico Gonçalves, André Escarameia e a minha claro. Não sei se deverei incluir a do Fernando José Francisco. É consigo, pois eu não o conheço pessoalmente. Mas também não vejo problema algum em o incluir, pois o nome dele é seguramente também um nome de enorme peso no panorama actual do surrealisno português.

Caro amigo, ando muito contente pois consegui há dias comprar um desenho original a crayon e a pastel do WILFREDO LAM. Tem a dimensão de uma folha A3 grande e está datado de 1966. Fiquei mesmo muito feliz, embora quase descapitalizado (fez-me lembrar aquela sua aventura que me contou acerca do cadavre-exquis do Breton com o Tzara que adquiriu em Paris no Marcel Fleiss).

E como andam os seus projectos? A Fata Morgana já publicou algo com os seus 4 desenhos? E os restantes, serviram para alguma publicação? Eu gostaria de fazer algo em colaboração consigo. Uma edição pequena com alguns poemas collages e/ou desenhos. O que me diz? Eu e o Pedrito temos perto de uma dúzia de poemas colectivos, isto é, eu começo a escrever e ele acaba e vice-versa, ele começa e eu termino. Temos encontrado uma plataforma poética muito interessante uma vez que existem algumas diferenças e semelhanças nos idiomas em castelhano e na nossa língua mater. Também, neste sentido eu gostaria de realizar algo consigo. Estará com disposição?

UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Por favor diga-me se necessita de alguns exemplares mais da nossa última exposição do *Naufrágio de Ilustraletrações*. Tenho ainda alguns exemplares da edição especial em caixa (cerca de 5 exemplares) como ainda alguns da edição normal em livro (cerca de 20 exemplares). Diga-me quantos necessita mais, que eu lhe enviarei.

Acredite amigo Artur, que há já muito eu não lhe escrevia uma carta, quase desde Junho e sinto-me em falta para consigo, embora tenhamos mantido contactos telefónicos e outros. Mas as cartas são algo onde eu sinto a amizade de forma muito profunda e por vezes onde eu derramo as minhas mágoas e as minhas alegrias com uma facilidade que não consigo presencialmente, nem por telefone. É algo estranho mas muito reconfortante ao mesmo tempo. Espero poder regressar a esta forma de amizade, pois o espírito e o tempo não têm favorecido a nossa relação. Como sabe tenho tido problemas matrimoniais que em nada me têm ajudado nos meus projectos surrealistas. Espero agora poder regressar. Perdoe-me este derrame.

Com um abraço forte e sentido do seu amigo inspirado pelos reflexos do olhar de Inês no Mondego,

Coimbra, 6 de Novembro de 2006

miguel de carvalho

01.84.05

COMUNICADO DOS SURREALISTAS PORTUGUESES

Por um deserto exaustivamente longo, seguimos o nosso caminho de inventores desconhecidos, enquanto um corpo de mulher decapitado nos sorri, e uma mêsa muito branca e sangrando sempre caminha para nós ...

Em cada país a posição surrealista tem de se colocar conforme as suas próprias possibilidades e formas de actuação, condicionada pelo meio em que existe e é obrigada a ser e servindo da capacidade de revolucionar-destruir-criar que êsse mesmo meio lhe proporciona. O surrealista não é um mártir da ciência ou de qualquer outro mito aceite pela sociedade dita organizada, nem um combatente pago (ou não-pago) para servir ordens emanadas de qualquer partido ou organização mais ou menos política ou filantrópica. O surrealista utiliza o seu próprio mito, venha ele das cavernas dos anões de sete olhos ou das máquinas de costura antiquíssimas, serve-se do seu mito particular para seguir pelos caminhos tenebrosos e ainda por descobrir onde existem pontes de velhos manequins, e usa-o conforme a sua necessidade e furor pessoais dentro do meio em que por acaso existe, sem procurar o martírio merdoso heroico-patriótico dos homens de partido. Por isso as actuações tem de se adaptar ao local em que se situam. Por isso a nossa afirmação de que, em Portugal, não é possível a existência de qualquer agrupamento ou movimento dito surrealista, mas de que apenas poderão existir indivíduos surrealistas agindo, por vezes, em conjunto.

Debaixo de qualquer ditadura (fascista ou stalinista) não é possível uma actuação surrealista organizada sem as respectivas consequências de represálias policiais e portanto sem o aparecimento dos respectivos mártires e herois. A acção surrealista, nêste caso particular, está limitada a uma série de actos que poderíamos chamar de guerrilhas, ou a um acomodamento reaccionário com os respectivos ministérios de PROPAGANDA. Das duas posições é, sem dúvida, a primeira a única possível embora, por vezes, bastante difícil de manter.

Quando num país o poeta não é mais poeta se não pertencer a um partido e o homem não pode ser homem se não for um carneiro, o grande mito do século – LIBERDADE – deixa de ser mito para se tornar uma realidade visível que se procura com ânsia e desejo. Quando num país a egreja católica tranforma os homens em seres sem sexo e a ditadura do Papa obriga os poetas a serem padres ou castrados, o nosso furor sexual obriga-nos ao grande acto mágico da subversão de valores e à afirmação total do nosso direito de actuar livremente, de sermos os verdadeiros poetas do amôr, da destruição, da surrealidade.

Queremos afirmar – e afirmamos – que a verdadeira actuação surrealista, não se limitando ao campo político, ao filosófico, ao estético, ou a qualquer outro mas reúnindo-os todos no Real-Imaginário, não pode nem deve seguir a rota de qualquer um destes caminhos mas agir dentro de todos eles. Por isso cremos que aqui, em Portugal, estando, como estamos, limitados por todos os lados, só temos à nossa frente a feroz presença do desejo individual para lutarmos contra a extinção do Homem que o estado vai realizando sistemáticamente e não podemos, portanto, enfileirar em qualquer partido que, a título de futuras liberdades políticas (ou outras quaisquer) nos faria cair fatalmente noutra ditadura. Também não acreditamos que o seguir esta ou aquela tendência estética, que a título de revolucionária, pretenda criar outro tipo de academismo, fôsse de qualquer maneira suficente para nos levar à libertação desejada. Qualquer espécie de realismo-socialista com todo o seu cortejo de estéticas, literaturas e políticas de partido, é tão

UNIVERSIDADE DE ÉVORA
Arquivo | FCS
01.84.05

prejudicial à liberdade do Homem como uma ditadura fascista, apenas conseguindo pôr no lugar de deus um outro deus igualmente absurdo.

Substituir um Papa por outro Papa é o que de forma nenhuma podemos admitir. O Homem só será livre quando tiver destruído toda e qualquer espécie de ditadura religioso-política ou político-religiosa e quando fôr universalmente capaz de existir sem limites. Então o Homem será o Poeta e a poesia será o Amor-Explosivo.

A nossa posição de surrealistas portugueses é, portanto, feita de pequenos actos, de esporádicas sortidas no campo do desconhecido, é feita de trasnformações subitas em que a serpente de repente deixa de ser o pequeno animal caseiro que todos nós conhecemos para começar a caminhar na floresta petrificada povoada de sombras e de olhos de panteras.

Contra a transformação do Homem em santo canonizado, propomos a aparição do Homem e da Mulher eternamente abraçados, a súbita nascença na praia abandonada do Cavalo de Sete Cabeças, filho do Fogo e da Água.

Contra a adaptação do Homem numa máquina de defender pátrias e partidos, propomos a criação do Homem-Asa, do Homem que percorrerá o Universo montando um comêta extremamente longo e fulgurante.

Para a pátria, a egreja e o estado a nossa última palavra será sempre: MERDA.

Lisboa, Abril de 1950

Mário Henrique Leiria
João Artur Silva
Artur do Cruzeiro Seixas

UNIVERSIDADE DE ÉVORA

COMUNICADO DOS SURREALISTAS PORTUGUESES enviado em 25-4-50 para Londres ao poeta Simon Walson Taylor.

Este comunicado destinava-se a ser publicado em Londres conjuntamente com outras comunicações de grupos surrealistas de diversas nações. Por razões que se desconhecem permaneceu inédito até Petrus o publicar no terceiro volume da sua monumental obra "Os Modernistas Portugueses, dos Independentes aos Surrealistas". Em 1973 a revista PHASES no seu número 4 da segunda série publicou este texto traduzido pela Isabel Meyrelles.

A cidade surrealista continua-se construindo com a surrealidade de todos os Poetas, quaisquer que sejam as suas decisivas experiências. Pouco mais de meio século do primeiro aparecimento deste comunicado, os seus autores como outros surrealistas portugueses e ulteriores (abaixo assinados) continuam a afirmar a sua posição ao espírito eminentemente livre manifestando o seu apoio incondicional àqueles que, em devido tempo, disseram e escreveram a sua posição. Pretendemos que o nossa justiça seja pelo menos semelhante ao homenagearmos com este abaixo assinado.

Coimbra & Lisboa, Novembro de 2006

COMUNICADO DOS SURREALISTAS PORTUGUESES

Por um deserto exaustivamente longo, seguimos o nosso caminho de inventores desconhecidos, enquanto um corpo de mulher decapitado nos sorri, e uma mêsa muito branca e sangrando sempre caminha para nós ...

Em cada país a posição surrealista tem de se colocar conforme as suas próprias possibilidades e formas de actuação, condicionada pelo meio em que existe e é obrigada a ser e servindo da capacidade de revolucionar-destruir-criar que êsse mesmo meio lhe proporciona. O surrealista não é um mártir da ciência ou de qualquer outro mito aceite pela sociedade dita organizada, nem um combatente pago (ou não-pago) para servir ordens emanadas de qualquer partido ou organização mais ou menos política ou filantrópica. O surrealista utiliza o seu próprio mito, venha ele das cavernas dos anões de sete olhos ou das máquinas de costura antiquíssimas, serve-se do seu mito particular para seguir pelos caminhos tenebrosos e ainda por descobrir onde existem pontes de velhos manequins, e usa-o conforme a sua necessidade e furor pessoais dentro do meio em que por acaso existe, sem procurar o martírio merdoso heroico-patriótico dos homens de partido. Por isso as actuações tem de se adaptar ao local em que se situam. Por isso a nossa afirmação de que, em Portugal, não é possível a existência de qualquer agrupamento ou movimento dito surrealista, mas de que apenas poderão existir indivíduos surrealistas agindo, por vezes, em conjunto.

Debaixo de qualquer ditadura (fascista ou stalinista) não é possível uma actuação surrealista organizada sem as respectivas consequências de represálias policiais e portanto sem o aparecimento dos respectivos mártires e herois. A acção surrealista, nêste caso particular, está limitada a uma série de actos que poderíamos chamar de guerrilhas, ou a um acomodamento reaccionário com os respectivos ministérios de PROPAGANDA. Das duas posições é, sem dúvida, a primeira a única possível embora, por vezes, bastante difícil de manter.

Quando num país o poeta não é mais poeta se não pertencer a um partido e o homem não pode ser homem se não for um carneiro, o grande mito do século – LIBERDADE – deixa de ser mito para se tornar uma realidade visível que se procura com ânsia e desejo. Quando num país a egreja católica tranforma os homens em seres sem sexo e a ditadura do Papa obriga os poetas a serem padres ou castrados, o nosso furor sexual obriga-nos ao grande acto mágico da subversão de valores e à afirmação total do nosso direito de actuar livremente, de sermos os verdadeiros poetas do amôr, da destruição, da surrealidade.

Queremos afirmar – e afirmamos – que a verdadeira actuação surrealista, não se limitando ao campo político, ao filosófico, ao estético, ou a qualquer outro mas reúnindo-os todos no Real-Imaginário, não pode nem deve seguir a rota de qualquer um destes caminhos mas agir dentro de todos eles. Por isso cremos que aqui, em Portugal, estando, como estamos, limitados por todos os lados, só temos à nossa frente a feroz presença do desejo individual para lutarmos contra a extinção do Homem que o estado vai realizando sistemáticamente e não podemos, portanto, enfileirar em qualquer partido que, a título de futuras liberdades políticas (ou outras quaisquer) nos faria cair fatalmente noutra ditadura. Também não acreditamos que o seguir esta ou aquela tendência estética, que a título de revolucionária, pretenda criar outro tipo de academismo, fôsse de qualquer maneira suficente para nos levar à libertação desejada. Qualquer espécie de realismo-socialista com todo o seu cortejo de estéticas, literaturas e políticas de partido, é tão

UNIVERSIDADE DE ÉVORA

01.84.05

prejudicial à liberdade do Homem como uma ditadura fascista, apenas conseguindo pôr no lugar de deus um outro deus igualmente absurdo.

Substituir um Papa por outro Papa é o que de forma nenhuma podemos admitir. O Homem só será livre quando tiver destruído toda e qualquer espécie de ditadura religioso-política ou político-religiosa e quando fôr universalmente capaz de existir sem limites. Então o Homem será o Poeta e a poesia será o Amor-Explosivo.

A nossa posição de surrealistas portugueses é, portanto, feita de pequenos actos, de esporádicas sortidas no campo do desconhecido, é feita de trasnformações subitas em que a serpente de repente deixa de ser o pequeno animal caseiro que todos nós conhecemos para começar a caminhar na floresta petrificada povoada de sombras e de olhos de panteras.

Contra a transformação do Homem em santo canonizado, propomos a aparição do Homem e da Mulher eternamente abraçados, a súbita nascença na praia abandonada do Cavalo de Sete Cabeças, filho do Fogo e da Água.

Contra a adaptação do Homem numa máquina de defender pátrias e partidos, propomos a criação do Homem-Asa, do Homem que percorrerá o Universo montando um comêta extremamente longo e fulgurante.

Para a pátria, a egreja e o estado a nossa última palavra será sempre: MERDA.

Lisboa, Abril de 1950

Mário Henrique Leiria
João Artur Silva
Artur do Cruzeiro Seixas

UNIVERSIDADE DE ÉVORA

COMUNICADO DOS SURREALISTAS PORTUGUESES enviado em 25-4-50 para Londres ao poeta Simon Walson Taylor.

Este comunicado destinava-se a ser publicado em Londres conjuntamente com outras comunicações de grupos surrealistas de diversas nações. Por razões que se desconhecem permaneceu inédito até Petrus o publicar no terceiro volume da sua monumental obra "Os Modernistas Portugueses, dos Independentes aos Surrealistas". Em 1973 a revista PHASES no seu número 4 da segunda série publicou este texto traduzido pela Isabel Meyrelles.

A cidade surrealista continua-se construindo com a surrealidade de todos os Poetas, quaisquer que sejam as suas decisivas experiências. Pouco mais de meio século do primeiro aparecimento deste comunicado, os seus autores como outros surrealistas portugueses e ulteriores (abaixo assinados) continuam a afirmar a sua posição ao espírito eminentemente livre manifestando o seu apoio incondicional àqueles que, em devido tempo, disseram e escreveram a sua posição. Pretendemos que o nossa justiça seja pelo menos semelhante ao homenagearmos com este abaixo assinado.

Coimbra & Lisboa, Novembro de 2006